



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PARAGUASSU FISCH DE FIGUEIREDO

(entrevista)

Salvador, BA

2019

LECCORPO–CEFIS–UNIVASF

ESEFID – UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em abril de 2019, em Salvador (BA). Da esquerda para a direita: Paraguassu Fisch de Figueiredo e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-920

Nome do entrevistado: Paraguassu Fisch de Figueiredo (Paragua).

Local da entrevista: Salvador (BA).

Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 07/04/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora, 14 minutos e 25 segundos.

Páginas Digitadas: 24.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: FIGUEIREDO, Paraguassu Fisch de. Entrevista concedida por Paraguassu Fisch de Figueiredo ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SALVADOR (BA), 07 abr. 2019, 27p.

SUMÁRIO

Relação com o futsal; Formação do quadro nacional de árbitras da CBFS; Árbitras nordestinas; Questões de gênero na arbitragem; Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Inês dos Santos e a formação do quadro feminino; O por quê da sede da CBFS está localizada no Ceará; Considerações finais.

Salvador (BA), 07 de abril de 2019. Entrevista com Paraguassu Fisch de Figueiredo (P.F.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Paraguassu Fisch, Diretor de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal, no dia 07 de abril de 2019, às vinte e uma horas e doze minutos. Boa noite, Paraguassu. Qual seu nome completo?

P.F. – Boa noite, Dôra. É Paraguassu Fisch de Figueiredo.

M.L. – Qual sua data de nascimento?

P.F. – É 02 de dezembro de 1947.

M.L. – Onde o senhor nasceu?

P.F. – Nasci na cidade de Tapejara, no Rio Grande do Sul.

M.L. – Qual sua escolaridade?

P.F. – Eu tenho o segundo grau, curso secundário completo. Iniciei a faculdade, mas não acab... não terminei.

M.L. – Como e quando começou seu envolvimento com o futsal, Paragua?

P.F. – Eu iniciei fazendo o curso de árbitro no Rio Grande do Sul e a partir daí comecei a trabalhar como árbitro. Trabalhei muitos anos como árbitro de futsal e posteriormente eu então assumi a função de subdiretor do Departamento de Árbitros no Rio Grande do Sul e depois, em 1994, eu assumi como Diretor de Árbitros da Federação Gaúcha. No período em que eu trabalhava como subdiretor eu ainda trabalhava apitando jogos e quando eu assumi como Diretor, então achei que seria inconveniente né, o próprio diretor mesmo tá fazendo as escalas, se escalando e apitar jogos; então aí eu passei trabalhar mais de

anotador, passei a trabalhar na mesa, porque aí eu também poderia, naquele momento, né, que tivesse trabalhando nos jogos, eu poderia observar o trabalho dos árbitros e até orientar aqueles que fosse necessário. Então foi assim que eu comecei a fazer o trabalho na arbitragem.

M.L. – Interessante... E com o futsal feminino?

P.F. – É... Com o futsal feminino foi depois que eu assumi como Diretor, né? No ano de 2000 eu assumi como Diretor da Confederação Brasileira de Futsal, Diretor de Arbitragem, e aí eu tive a ideia de lançar uma equipe de arbitragem feminina, fazer o quadro de árbitros feminino. A partir daí eu comecei a fazer um trabalho, tirar informações de onde tinha árbitras né, que já estavam apitando e... a nível assim, que pudesse apitar jogos femininos né, a nível nacional e aí foram surgindo as primeiras. A primeira árbitra que apitou, acho que foi no ano de 2000, 2003, não recordo bem certo agora o ano, mas eu posso até confirmar depois e foi a Rita de Cássia, de São Paulo, numa eliminatória de uma Taça Brasil que foi na cidade de Valinhos, em São Paulo. E naquele mesmo ano, a final foi realizada em Brasília, onde trabalhou outra árbitra que eu tinha boas informações, em Brasília, que foi a Jaqueline, inclusive gostei muito do trabalho dela; tanto é que ela apitou a final da competição masculino adulto. É... eu tive também nesse período né, eu tive a ideia também de conversar, de trocar uma ideia com nosso presidente que aprovou totalmente que fosse formado, dentro da Confederação, um quadro de árbitros feminino. Ele autorizou, inclusive tem uma publicação da formação desse quadro feminino. Então a partir daí nós começamos a fazer esse trabalho com o feminino.

M.L. – Lembra-se quem era o Presidente na época, Paragua?

P.F. – O Presidente na época era o Dr. Aécio de Borba Vasconcelos.

M.L. – E esse documento, ele é um documento institucionalizado? Está nos...

P.F. – Sim, eu acredito que eu devo ter essa cópia desse documento lá junto, nas minhas pastas. Posso procurar e ver, mas na Confederação deve ter esse documento. Acho que foi uma portaria que ele colocou criando o quadro feminino de arbitragem.

M.L. – E a Confederação? Lembra? Sabe dizer quando foi que você passou a compor o quadro de dirigentes dessa instituição e a função que exercia?

P.F. – É... Que eu, eu comecei foi... Eu fui nomeado no ano de 2000 quando o atual Diretor, Mário Lopes, ele ficou doente, não teve mais condições de fazer o trabalho e eu fui nomeado como Subdiretor. Naquele ano de 2000 eu fiz a primeira competição minha, foi em Pernambuco, numa competição de juvenil é, Campeonato Brasileiro de Juvenil. Então eu fiz, foi à primeira competição e eu fui nomeado naquele mesmo ano, depois que ele faleceu, no dia 16 de dezembro de 2000 e a partir daí eu continuei como Diretor de Árbitros, até hoje.

M.L. – Já tem quantos anos de Confederação?

P.F. – Ah, aí eu tenho desde o 2000. 2000 eu fique até 2012. Aí saí. Tive um ano e meio fora, né? Lá são doze anos. Aí tive um ano e meio fora. 2014 voltei no meio do ano, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019, aí então são mais, mais cinco anos, cinco anos e meio. Então, com certeza, dezessete anos eu já tenho de Diretor da Confederação.

M.L. – E o trabalho ainda lhe dá prazer, lhe estimula a estar fazendo esse trabalho cotidianamente?

P.F. – Sim, exatamente. Eu sou uma pessoa que tenho aí setenta e um anos e tenho um prazer muito grande em ainda fazer esse trabalho como Diretor de Árbitros, fazendo as minhas palestras, fazendo as alterações de regras quando sai na FIFA¹, então eu faço esse trabalho e eu sinto muito prazer em fazer isso porque tenho grandes amizades na parte de arbitragem do futsal. Então sou bastante solicitado pelas Federações e vou a todas elas com o máximo prazer e faço porque gosto. Gosto muito desse trabalho que eu faço.

M.L. – Como foi o processo de criação e normatização do quadro feminino de arbitragem na Confederação Brasileira de Futebol de Salão?

¹ Federação Internacional de Futebol Associação.

P.F. – É... Eu tive essa ideia. Eu levei ao Presidente. Ele deu todo o apoio né, pra que fosse criado então o quadro, até porque a FIFA, ela em todos os esportes que existe no mundo, sempre eles querem que [suspirou aparentando cansaço]... Aliás, a FIFA não, o COI², desculpe, o COI. Eles querem sempre que tenha, assim, a equipe, equipes masculinas e femininas em qualquer esporte, como também arbitragem masculina e feminina e no Brasil nós não tínhamos isso. Aliás, no futsal, nenhum país tinha. Nós fomos praticamente os primeiros a colocar. Então aí nós começamos. Foi autorizado e foi em reunião de Diretoria. Foi autorizado e esse quadro foi formado. A gente teve assim... é... algumas resistências para fazer esse quadro de árbitros feminino, mesmo dentro da Diretoria da Confederação, mas isso... Eu debati com eles algumas questões e foi autorizado pelo Presidente, foi feita uma Portaria e a partir daí nós começamos trabalhar com mais afinco ainda, mais vontade de formar esse quadro. Aos poucos fomos dando as oportunidades, foram aparecendo mais árbitras, né, é... Eu lembro que no ano seguinte a essa final que foi feita em Brasília, nós tivemos a eliminatória da Taça Brasil feminina. Naquela época nós só tínhamos o adulto, a categoria adulto feminino, e essa competição foi realizada em Goiânia, aonde nós já tivemos árbitras, inclusive, uma árbitra da Paraíba e outra árbitra de Fortaleza, que essa também é paraibana. As duas eram paraibanas, só que uma residia em Fortaleza. Nós fizemos a competição em Goiânia, eliminatória, com duas árbitras e depois a final fizemos no Pará, já com quatro árbitras, né? E fomos colocando, incluindo mais uma do Paraná (aquela primeira que apitou), uma de São Paulo e mais as duas do Nordeste. Então fizemos já com quatro árbitras e quatro árbitros a competição no Pará. Posterior a isso, a próxima competição que nós tivemos, foi já um juvenil. Já tínhamos aí categorias menores e fizemos aí um sub 20 ou era juvenil, naquela época, depois é que passou a denominar-se Sub 20, na cidade de Chapecó e já com todas as árbitras e anotadoras. Não tinha nenhum árbitro do sexo masculino, todas árbitras. E a partir daí, até hoje, sempre foram feitas competições com árbitras de futsal.

M.L. – Paraguassu, consegue lembrar quais foram essas quatro árbitras iniciais?

P.F. – É... as primeiras que trabalharam foram a de São Paulo, era a [silêncio], a Rita de Cássia; depois Brasília, foi a Jaqueline; depois nós tivemos mais, são duas paraibanas, a Renata e a Alane. Então foram as quatro que praticamente iniciaram esse trabalho aí, né?

² Comitê Olímpico Internacional.

Depois, elas já estão com idade, né, mais assim... mas ainda continuam trabalhando. A Jaqueline parou, a Rita parou, mas Alane e a Renata continuam trabalhando até hoje.

M.L. – Você relatou que no início da criação do quadro de arbitragem feminina, houve algumas resistências dentro da própria direção da Confederação. Quais eram os motivos para que essa resistência acontecesse?

P.F. – É, era... Como, como sempre, né? Assim... A gente sabe que sempre tem uma resistência... Tudo... Muita coisa que a mulher vai fazer e eles achavam que ainda não era o momento de fazer um quadro de árbitras porque achavam que as árbitras, né, que estavam sem, que seriam colocadas, né... Talvez não tivessem a capacidade e poderia dar problema e eu coloquei pra eles que eu tinha certeza que ia dar certo, que eu já conhecia o trabalho de algumas e aos poucos fui conhecendo o trabalho das demais. Depois que a gente conhece, conhecia umas, eu fui colocando em duplas, né, com algumas novatas que vinham chegando e que a gente sabia, tinha boas informações que elas realmente faziam um bom trabalho nos seus estados e a gente foi arriscando, né? Tivemos assim, muita também, muita resistência também das equipes femininas, no início. Tivemos esse tipo de situação também e posteriormente, elas mesmas pediam, as equipes pediam, pra que trabalhasse nessas competições femininas, somente mulheres na arbitragem. Então a coisa se inverteu de determinado ano em diante e a gente fez isso e viu com muita satisfação.

M.L. – E por que esse quadro foi criado? Foi à questão da exigência da FIFA ou... Qual seria o motivo?

P.F. – É... uma... Não que isso fosse exigência, né, mas a FIFA solicitava que sempre que a gente tivesse oportunidade de colocar mulheres trabalhando, que seria bom colocar, porque eles também queriam fazer um quadro de árbitras a nível de FIFA. Naquela época não existia nenhuma árbitra FIFA no futsal. Existia em outros esportes, mas no futsal não existia; tanto é que no primeiro ano que foi liberado pra que se indicasse árbitras da FIFA é, no primeiro ano, apareceu em todo o mundo oito árbitras. Das oito árbitras, *quatro eram brasileiras*.

M.L. – Lembra quais eram?

P.F. – *Lembro!* Era a Renata, Alane, a Giselle e a Katiucia. Essas eu lembro muito bem. Praticamente elas permaneceram assim até o ano retrasado quando daí saiu do quadro da FIFA, a Renata e a Alane. Saíram até por problemas físicos, porque elas já tão com um pouco mais de idade e também os testes físicos da FIFA começaram a ficar muito puxado, muito forte, inclusive até pros homens. Um teste muito rigoroso, muito forte e aí elas... Nos primeiros anos, elas conseguiram, posteriormente elas não conseguiram mais atingir o índice exigido pela FIFA. E lá na FIFA, na CONMEBOL, todo árbitro que for convocado, né, ele tem que... O diretor tem que assinar embaixo dizendo que ele tá em condições físicas de passar nos testes. Quando se chega lá na competição é feito o teste físico. Aquele árbitro que rodar, ele volta pra casa e a despesa tem que ser paga pela Confederação que mandou; então é bastante complicado pra gente e a gente teve que tomar algumas atitudes, substituir essas duas aí, mas elas fizeram durante todo tempo um trabalho, um trabalho muito bom, um *trabalho excelente* e hoje elas apitam a Liga Nacional. A Renata apita a Liga Nacional. A Alane não apita porque ela tá fora da região aqui, mas hoje a Renata está em São Paulo, trabalhando em São Paulo. Trabalha e apita Campeonato Estadual, apita Liga; Katiucia, no Paraná, apita Liga, Campeonato da Ouro lá no Paraná e a Giselle também da mesma forma. Então o nível delas foi crescendo ano a ano. Já fizeram várias competições fora do país. Tivemos também uma... No ano de 2004, acho que foi, é, é... a Giselle foi a primeira árbitra do mundo, né, a primeira árbitra do mundo a participar duma competição masculina num Campeonato Mundial masculino aqui no Brasil. Foi a primeira árbitra que foi a uma competição masculina, né? Posteriormente nós tivemos em Bangkok, também o Mundial em que foi convocada a Renata pra fazer o trabalho. Foi lá. Fez um excelente trabalho no Campeonato Mundial Masculino. O nível das nossas árbitras daqui é muito bom, né? Tanto é que a própria CONMEBOL³ mesmo, quando ela convoca, às vezes ela convoca as três, quatro árbitras daqui pra poder fazer as competições a nível aqui, do Sul–Americano, e eles sempre citam que as árbitras do Brasil estão num nível muito superior das demais da América do Sul.

M.L. – Então isso pra você, é uma afirmação de que tua aposta realmente foi acertiva, né?

³ Confederação Sul–Americana de Futebol

P.F. – É. Foi muito bom! É um orgulho pra gente saber que a gente deu o ponta-pé inicial e apostou na arbitragem feminina. Então, deu certo, graças a Deus, deu certo; tanto é que hoje elas tão aí trabalhando, né, nos jogos. Claro que não são todas que apitam uma Liga Nacional, uma competição masculina, mas o feminino... Muitas delas aí a gente coloca em qualquer jogo do feminino, a nível de Brasil, e elas vão lá e dão conta do recado muito bem e a gente percebe isso. As árbitras FIFA, todas elas já trabalharam também em competições, Grand Prix. Sempre elas vão trabalhar. Vão lá, apitam jogo masculino sem problema nenhum. Dão um show de apito lá, no meio dos árbitros masculinos.

M.L. – Quando você fala que hoje os testes da FIFA estão bem mais exigentes... Os testes são os mesmos tanto para homens quanto para mulheres ou há uma diferenciação?

P.F. – Não. Existe uma diferenciação no teste masculino e feminino, porém se a árbitra, ela deseja apitar jogos masculinos, ela tem que fazer o mesmo nível, o mesmo teste do masculino. Então no momento que elas passarem no teste, aquele mesmo teste, a mesma exigência do masculino, elas tão prontas para trabalhar também em competições, Campeonato Mundial Masculino.

M.L. – Interessante... Você tem que fazer o teste de acordo com a opção de gênero dentro da competição.

P.F. – Exatamente. Elas fazem um pouco... O teste realmente pra continuar na FIFA, no feminino, ele é um pouco mais baixo. Não há tanta exigência. É pouca diferença. Não é muito, mas existe uma diferença e aquelas que quiserem atingir, elas dão continuidade no teste até atingir o nível masculino. Aí elas tão prontas para trabalhar também na competição masculina e isso é informado pra FIFA.

M.L. – Interessante... Como o senhor avalia a participação das árbitras nas competições que a Confederação organiza?

P.F. – Eu considero muito bom, né? Elas têm trabalhado mais assim em competições a nível nacional, em competições da Confederação. Elas trabalham mais no feminino mesmo, então elas fazem todas as categorias. Existe também a Liga Feminina. Elas

trabalham, somente elas trabalham. Existe a Copa do Brasil Feminina, que essa sim é uma competição de mata-mata, né, e essa competição, ela é em todo o Brasil e as árbitras vão lá... A gente escala somente árbitras e elas vão lá e fazem esse trabalho tranquilo. A gente nem se preocupa com isso. Eu participei de... Nos dois últimos anos, onde teve competições, a final da Copa do Brasil Feminino, ginásio lotado que não cabia mais ninguém, foi trabalhado com quatro árbitras, inclusive o delegado do jogo era mulher também.

M.L. – Legal...

P.F. – Então é uma satisfação muito grande a gente ver o trabalho que elas fazem dentro de quadra.

M.L. – E o desempenho das árbitras nordestinas nesse cenário?

P.F. – *É muito bom.* Nós temos atualmente né, no caso, a Renata. Ela tá em São Paulo, mas ela é natural do Rio Grande do Norte; a Alane, também é natural do Rio Grande do Norte. Temos outras árbitras lá também com nível bom da região de Pernambuco, na Bahia, né. Temos muitas. Na Paraíba, também tem mais uma árbitra muito boa lá que tem trabalhado, fazendo um bom trabalho. *Excelente a árbitra.* Temos uma árbitra também que é do Maranhão. Ela está no Ceará, está em Fortaleza. Também um nível muito bom de trabalho. Há pouco tempo, inclusive, ela apitou jogo de seleção; um jogo amistoso da Seleção Feminina contra Argentina. Apitou e se saiu muito bem. Então nós temos... No Piauí, também existe uma árbitra que a gente está observando também. Então sempre a gente tá fazendo esse trabalho, garimpando árbitras que a gente vê que tem um nível bom já... E pra passar pro... Elas já são do quadro nacional, mas a gente dá uma oportunidade melhor pra elas nessas competições; mas é um nível muito bom. Temos também, não só no Nordeste, né, mas você me perguntou exclusivamente no Nordeste e eu tô te respondendo aí que realmente tem muitas árbitras aqui e a gente vê que o crescimento é muito grande.

M.L. – Então com relação as demais regiões do Brasil, está bastante equiparada?

P.F. – Bastante equiparada. Claro que o número de árbitras que nós temos principalmente no estado do Paraná é muito grande. Tem árbitras lá num nível muito bom também; Santa Catarina, muito bom. Os demais estados são, são até, digamos assim, mais fracos do que a Região Nordeste. Alguns estados da Região Nordeste, da Região Norte, mesmo da Região Sudeste, não têm muitas árbitras, mas a gente sabe que na Região Nordeste é muito bom. Saem *excelentes árbitras* dali. É um celeiro de árbitras, o Nordeste.

M.L. – Você relatou, inicialmente, que Renata e Alane são da Paraíba, né isso?

P.F. – As duas são da Paraíba.

M.L. – Você falou que eram da... Não lembro o estado agora. Fez uma troca.

P.F. – Então depois tu acerta [risos]. As duas são da Paraíba.

M.L. – E o senhor, enquanto Diretor de Arbitragem da Confederação percebe diferença no trato de árbitros e árbitras por parte de dirigentes, atletas, técnicos, torcidas?

P.F. – É. A gente, a gente sim observa, principalmente quando elas vão trabalhar em jogos masculinos. A gente sempre observa e fica atento. Muitas coisas que acontecem e sempre tem um pouco assim de resistência, né, do trabalho da mulher na arbitragem de jogos masculinos. Quanto aos jogos femininos, a gente sabe que todos apóiam, que todos preferem as árbitras do que árbitros. Eles preferem arbitragem feminina do que arbitragem masculina nos jogos das equipes femininas.

M.L. – Poderia relatar, com relação à arbitragem feminina, em competições masculinas, quais são as ocorrências mais comuns em relação a essa resistência a arbitragem de mulheres?

P.F. – É uma situação assim bastante complicada, né, mas [silêncio]. Chamam... “Você não devia tá aqui, devia tá em casa, devia tá cuidando dos afazeres do lar”, e algumas outras. Às vezes até ofensas né, coisas ofensivas, que é bom até a gente nem relatar quais, mas realmente acontece alguma coisa assim; embora o masculino também aconteça, mas

principalmente quando a mulher vai apitar jogos masculinos, isso a gente nota que acontece. É a torcida que vai pra dentro de quadra, dentro do ginásio, querer extravasar. Então qualquer tipo de coisa que seja dito, qualquer brincadeira, ela é levado mais assim, mais pro lado... E a gente sabe que a mulher, ela tem... Digamos assim... O homem, eu acho que ele... A arbitragem masculina, ele aguenta muito mais assim essa pressão e tal e a mulher, eu sinto que ela sente mais isso aí. Eu tenho... Logo que a gente iniciou também, nesse trabalho da arbitragem, muitas vezes aconteceram erros, como acontece no masculino, e a gente percebia que elas, elas sentem muito mais, se preocupam muito mais do que o masculino. Então várias vezes eu mesmo entrei no vestiário das árbitras e tal pra conversar, pra algumas que não foram muito bem no jogo e elas praticamente desabaram. Então a gente tinha que ir lá, consolar, conversar e tal. Explicar que aquilo acontece, e a gente foi preparando e hoje nós não temos mais esse tipo de problema, principalmente nas árbitras de ponta e que tão aí e que são muitas delas. As mais novatas, é claro! Sempre a gente tem que continuar fazendo esse trabalho, como também a gente faz no masculino. Isso acontece.

M.L. – Essas críticas vêm mais da torcida. E os atletas, os dirigentes, técnicos?

P.F. – Não, não. Aí eles respeitam. Não tem problema nenhum. Eles respeitam. Claro que sempre vão reclamar coisa e tal, mas no nível assim bem respeitoso, tanto os atletas também, até porque qualquer coisa que eles falarem, eles poderão até ser expulso, cartão amarelo, expulsão; então há um respeito sim, muito grande; mas o torcedor, às vezes, não aceita muito essa parte.

M.L. – Então pela questão da regra, a imposição da autoridade da árbitra, ela é conseguida por essa regra de aplicação de um cartão amarelo ou de uma outra... de uma outra sanção punitiva?

P.F. – É que... Essa situação, por exemplo, existe um respeito dentro da quadra, dos jogadores com as árbitras, como também tem com os árbitros, né, e eu acho que os jogadores respeitam muito mais a árbitra do que o árbitro – isso a gente observa; só que elas têm que fazer um trabalho muito bom, acima, às vezes, do nível até dos árbitros do masculino, que é pra não passar por essas dificuldades. De torcedores ficarem lá xingando,

é... Mas assim, no intuito de fazer brincadeiras e tal, né, contra, contra a mulher, né; mas a gente percebe que isso, aos poucos, está diminuindo também porque a mulher, ela surgiu na arbitragem não faz muito tempo. Então sempre tem aquela resistência inicial e depois vai acostumando. Isso é normal porque quando começou, as primeiras que foram apitar, tinha uma resistência muito grande e posteriormente as equipes já solicitavam a arbitragem delas. Quando a gente começou a colocar também no masculino foi à mesma coisa. A resistência era incrível. A gente foi apostando, foi colocando... Hoje nós temos muitas equipes que pedem até pra elas apitarem determinados jogos e a gente coloca sem problema nenhum. Como também em vários jogos da Seleção Brasileira contra a seleção de outros países que vêm aqui, eu não tenho dúvida nenhuma e coloco nos jogos. Escalo, né! Às vezes, um masculino e um feminino. A dupla lá, uma mulher e um homem, vão pra lá e fazem um excelente trabalho dentro de quadra. Passa despercebida. E às vezes, muitas vezes, é elogiado até por integrantes da televisão tal, quando esse trabalho é bem feito. E elas estão hoje, principalmente essas que são da FIFA, fazendo um trabalho excelente, no mesmo nível dos homens.

M.L. – Então as árbitras são escaladas tanto para jogos masculinos quanto femininos da Seleção?

P.F. – Eu tenho escalado elas também em jogos do masculino, né. Já no masculino, vários jogos aí, eu escalei elas. É sempre... Normalmente, às vezes, escalo uma dupla, um masculino e um feminino, pra que eles façam o trabalho; até porque sempre é bom ter um árbitro junto lá, ou, às vezes, até de terceiro árbitro coloco no masculino, até pra ir acostumando com o trabalho dentro de quadra e a maneira de trabalhar principalmente como terceiro árbitro, que é uma das coisas que a FIFA e a CONMEBOL trabalham. Então a gente tem que fazer esse tipo de trabalho aqui pra que faça um treinamento com elas, que quando elas saírem pra trabalhar lá fora, elas saibam fazer o trabalho também de terceira árbitra. Então isso é muito importante nesse trabalho que elas fazem aqui no Brasil.

M.L. – A institucionalização e consolidação do quadro feminino de arbitragem da Confederação ocorreram em 2003, na Taça Brasil Feminina, Sub 20, em Chapecó, Santa Catarina. O que isso gerou no cenário do futsal brasileiro? Essa inovação histórica?

P.F. – Foi uma coisa muito boa porque a partir daí as equipes começaram, nas competições, nas competições a nível nacional feminino, as equipes mesmo começaram a pedir pra que as mulheres, que a gente colocasse, fizesse essas designações somente de mulheres, tanto para trabalhar no apito, como para trabalhar como anotadoras. Então foi um trabalho que foi bastante reconhecido e aí a partir daí a gente passou a fazer as competições sempre, as competições femininas, sempre com o nosso quadro feminino e aos poucos foi aumentando e hoje nós temos mais de cinquenta árbitras trabalhando aí num nível muito bom.

M.L. – Existe alguma característica na condução das partidas que acha que são peculiares as árbitras?

P.F. – Eu acho que elas trabalham muito melhor. No feminino, elas trabalham muito melhor do que os homens. Elas sabem melhor lidar com as mulheres, com as jogadoras. Elas são mais sensíveis, né?[pausa] aos jogos, nos jogos, com as jogadoras. Então eu acho que fica muito melhor a gente colocar em jogos femininos, árbitras trabalhando. Além disso, aquela situação de muito machismo que às vezes nós temos, que isso é normal, né, em nosso país. *Normal* não seria, mas digamos que isso vem... Acontece muito... O árbitro, quando ele era escalado e designado para fazer uma competição feminina, ele se achava menosprezado, né? Então isso também foi muito bom porque aí a gente retirou todos os árbitros de fazerem essa função de árbitros em competições femininas e ficaram somente as mulheres trabalhando; o que foi muito bom pra todo mundo.

M.L. – Como percebe a participação das mulheres em competições masculinas? O que mais lhe chama atenção nessa condução?

P.F. – É... Eu acho que elas, elas têm assim... Elas tão... Elas são muito mais responsáveis, eu acho. É... Tudo aquilo que a gente pede pra elas fazerem, né, tecnicamente o trabalho, elas cumprem muito melhor do que os homens. Isso é nítido, isso a gente vê, a gente percebe. É muito mais fácil você moldar uma pessoa, uma árbitra que tá chegando. Elas que tão querendo fazer da maneira certa. Muito melhor da gente moldar e elas cumprirem aquilo que realmente há necessidade de ser feito do que o masculino. Então eu tenho muito mais facilidade de trabalhar com as mulheres na arbitragem, que muitas vezes com os

homens. Elas são mais cumpridoras daquilo que se pede e aí a gente nota que elas fazem o trabalho com muito mais carinho, muito mais dedicação e a gente só tem vantagens nesse trabalho que se faz.

M.L. – Existe alguma situação ocorrida durante uma partida de futsal, seja masculina ou feminina, mediada por árbitras, que tenha lhe chamado atenção de forma positiva?

P.F. – É... Não só uma. São várias situações assim... Mas creio que a maior de todas assim, foi num jogo, numa Taça Brasil que foi realizada... Em que foi no finalzinho do jogo, num lance que ocorreu e que a árbitra era a Giselle que estava apitando. O lance era totalmente dela e ela tomou uma posição corretíssima em quadra. Teve assim uma pressão muito grande em cima dela e ela manteve aquela anulação de um gol que daria o título a equipe adversária. Então foi o lance que mais me chamou atenção e ela agiu corretamente. Foi muito certo. Um lance bastante difícil em que gerou assim, bastante confusão no momento. Finalzinho de jogo, o jogo terminando e a bola entrou no gol, mas ela já tinha apitado antes. Então, esse acho que foi um dos lances que mais me marcou no trabalho da arbitragem feminina.

M.L. – Jogo masculino ou feminino?

P.F. – Jogo feminino. A Taça Brasil feminino. E os jogos assim que também as árbitras fizeram um bom trabalho foi nos jogos do Grand Prix e principalmente porque logo que iniciou, que foi criado o quadro feminino pela FIFA. Em jogos de, principalmente do Grand Prix, as equipes chegavam da Europa, de outros países pra fazer os jogos do Grand Prix, eles tinham aquela surpresa de tá dentro de quadra mulheres apitando jogos deles. Então países que a gente sabe, é... sul-americano... Não! É... Países de, de, lá da Europa e também de... [pensativo] Países, por exemplo, o Irã, Egito, os países que eles têm muita, assim... muita, muita... É... São praticamente contra as mulheres. As mulheres não têm o valor que nós damos aqui pra mulher e quando eles viam uma mulher para apitar jogos deles, eles tinham assim, uma preocupação muito grande; mas elas foram lá e tomaram conta do jogo e aí, a partir daí também, eles começaram a entender que elas também tinham a capacidade; tanta capacidade quanto os homens têm pra conduzir um jogo de futsal.

M.L. – E lembra-se de alguma situação negativa com relação à arbitragem feminina?

P.F. – Ah, assim... [pausa]. Nos jogos aí que nós trabalhamos, jogos que nós vimos, não. Tivemos jogos muito difíceis pra elas apitarem também – os Jogos Sul–Americanos que elas apitaram. Teve um jogo que nós colocamos, no Grand Prix, duas árbitras para fazer a disputa de terceiro e quarto lugar, e elas foram lá e se saíram muito bem; deram conta do recado. Elas foram muito enérgicas principalmente na parte disciplinar e o jogo transcorreu normalmente até o final.

M.L. – Masculino?

P.F. – Masculino. Jogos masculinos. No *Grand Prix* nós só temos competição masculina.

M.L. – Paragua, que avaliação faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal brasileiro como atletas, como técnicas ou até mesmo árbitras?

P.F. – É... eu acho assim muito bom porque é um desenvolvimento né, ajuda no desenvolvimento do nosso esporte, do futsal. É, então, nós tivemos assim... Inicialmente a gente via que a maioria das equipes eram dirigidas por homens, treinador; posteriormente nós tivemos muitas e muitas treinadoras dirigindo às equipes, inclusive, a primeira treinadora da Seleção Brasileira foi uma mulher. Quando foi feita a primeira Seleção que nós juntamos para disputar competições fora do país, aqui no país mesmo... Competições femininas começaram ocorrer e a primeira treinadora foi uma mulher que fez esse trabalho, né? Posteriormente passou-se também a usar aí, muitas vezes, o auxiliar técnico da Seleção Brasileira masculina que fazia o trabalho também, depois de treinamento, de treinador das mulheres; mas temos várias equipes aí que têm mulheres no comando da equipe.

M.L. – Lembra quem foi à técnica da Seleção de futsal? A primeira?

P.F. – Lembro, lembro. Foi... Deixa ver se lembro o nome dela [silêncio, pensativo]. É São Paulo... Maria Cristina. Maria Cristina, lá da Sabesp, lá de São Paulo. Ela era treinadora da

Sabesp/São Paulo e foi convocada pra trabalhar como treinadora da primeira Seleção Brasileira Feminina que foi formada no Brasil.

M.L. – E como foi o desempenho dessa seleção?

P.F. – Foi interessante. Foi campeã Sul–Americana de Futsal. Essa competição foi realizada em São Paulo, não me recordo agora o ano, mas foi a campeã e com muita folga contra as demais equipes. E isso acontece até hoje.

M.L. – Em sua opinião, por que existem poucas mulheres árbitras?

P.F. – É porque nós não temos muitas mulheres que se dedicam a arbitragem, a serem árbitras. É... nós temos muitas assim... Aparecem muitas mulheres pra fazer o trabalho que são ex–jogadoras. Então muitas que param de jogar, tão numa idade mais um pouco avançada... A maioria delas, das árbitras que a gente tem, já foi, um dia, já foram jogadoras de futsal. Então elas... Claro que elas têm uma facilidade muito melhor de fazer esse trabalho de árbitras, porque elas já estiveram lá dentro da quadra. Então elas conhecem todas as situações de dentro da quadra, lá e muitas delas são excelentes árbitras. Podemos citar várias delas que já participaram ou no futsal ou no handebol, então... E elas, no momento que elas param de trabalhar, de jogar, elas vêm pra... Muitas delas vêm pra arbitragem de futsal.

M.L. – O que você acha que poderia fazer para que trouxéssemos mais mulheres para a arbitragem do futsal hoje?

P.F. – É... Nós, nós sempre tentamos. A cada curso que a gente faz, podemos ver algumas mulheres fazendo. A gente já chama atenção e procura saber se elas tão fazendo ali pra serem anotadoras ou cronometristas ou se elas querem realmente desempenhar o trabalho de árbitras, dentro da quadra, mas muitas não têm aquela coragem, não têm aquela... né? O homem, principalmente o homem, ele sempre faz. Todos os homens jogam futsal, né? Nas escolas, nos colégios. Desde pequeninhos sempre jogando, jogando, jogando. Então aquilo... Ele puxa mais pro lado do futebol, pro lado do futsal. E já a mulher não. A mulher é diferente. Ela tem outra... Desde pequena ela tem uma outra maneira de viver, né, na sociedade, dentro de casa. Algumas, os próprios pais mesmo não, não permitem que

joguem futsal, né? Não querem que, às vezes, a pessoa... A pessoa quer fazer um curso de árbitra e ela é desaconselhada mesmo dentro de casa; então essa é a dificuldade. Aquela coisa sempre mais do machismo... Isso é esporte pra homem. A mulher não deve se envolver, não deve trabalhar, não deve ser árbitra, vai ser xingada; então isso, né, a gente sabe que nesse ponto aí a mulher, ela não é muito estimulada a trabalhar nessa parte aí de arbitragem.

M.L. – Como você definiria as mulheres que se dedicam a arbitragem, as mulheres árbitras?

P.F. – Ah! *Sensacional!* Eu acho que é uma coisa *muito bacana, muito bom*, né? É um trabalho muito digno dentro da arbitragem e elas têm... Quando elas vão pra arbitragem, elas têm o apoio total das outras que já se encontram lá. Tem o apoio dos árbitros do masculino, né; então eu acho *sensacional* a mulher se dedicar a esse tipo de trabalho que é lidar com a arbitragem e que não é fácil. Não é qualquer uma que vai lá e sabe interpretar realmente a regra, porque nessa situação eu acho que o homem, ele leva uma vantagem muito grande, porque ele acompanha muito mais o futebol, o futsal, o esporte, coisa que a mulher, ela não faz tanto. Então por isso que eu acho que o homem tem a facilidade maior e a mulher já tem outro tipo, um tipo um pouco diferente e ela já não se dedica tanto aí a trabalhar como árbitro; então eu vejo dessa forma aí. É mais difícil. A gente tem mais dificuldade... Cada curso que aparece a gente oferece, tanto masculino como feminino e sempre o número de homens é muito maior do que o número de mulheres. A gente vê nas Federações também que a gente faz as palestras, vê que o número de homens é muito maior sempre do que o número de mulheres. Então, claro que o universo é maior de homens tentando fazer arbitragem. Vai se destacar sempre a quantidade maior de homens do que de mulheres, mas nós temos um crescimento muito grande de uns anos pra cá. Com certeza cada ano, ano a ano, vai aumentando mais o número de árbitras trabalhando.

M.L. – Se você pudesse usar uma palavra pra definir a árbitra–mulher, qual seria essa palavra?

P.F. – [Longo silêncio. Pensativo. Batendo na mesa] Qual seria a palavra que eu usaria? É... É tudo de bom que o esporte precisa. O trabalho da mulher, tanto na parte de praticar o

esporte como na parte de arbitrar jogos de futsal ou qualquer esporte, eu acho, eu acho *fantástico*. *Eu acho fantástico o trabalho da mulher dentro da arbitragem*. Creio que seria isso, mais assim que eu teria pra dizer sobre essa parte.

M.L. – Segundo dados obtidos no site da Confederação, agora em 2019, nos estados de Alagoas e Maranhão não existem árbitras compondo o quadro nacional. Por que essa situação está acontecendo?

P.F. – É porque... O Maranhão, por exemplo, tinha uma árbitra lá, muito boa; que ela inclusive tá fazendo Medicina, você veja, e ela veio transferida pra Fortaleza e atualmente eles não têm assim nenhuma que tenha se destacado lá, que tenha feito... Tem. Existe alguma lá. Tá sendo feito um trabalho inicial então, mas ainda não tão no nível de uma Confederação, de participar de competições a nível nacional e isso acontece com outros estados também... Alagoas já teve excelentes árbitras, ali...

M.L. – A Téó, né?

P.F. – A Téó foi uma delas, né? Que ela parou, se desgostou. Eu também lá não sei o que quê ocorreu e tal, e ela parou. Não quis mais trabalhar. Nós temos também uma das grandes dificuldades que a mulher tem também em fazer esse trabalho. É que ela chega um determinado momento da vida, ela quer casar, ela quer ter filhos, e a partir daí já passa a ser muito difícil ela continuar na arbitragem. Nós já perdemos grandes árbitras porque casaram, tiveram filho, né, é... Ganharam peso com isso e aí fica difícil delas retornarem né, e no momento que elas querem retornar também com filhos pequenos é muito mais difícil do que se ela fosse... Não tivesse filho. Então muitas delas até dizem: “Olha, eu vou parar porque eu quero ter um objetivo agora que é ter um filho”. Aí a gente entende tudo isso aí. Muitas vezes a mulher casa também, aí o esposo já não aceita muito que ela vá trabalhar, que saia, que viaje pra trabalhar como árbitras de futsal. Então é mais uma dificuldade e o homem, não. O homem casou, ele vai continuar trabalhando, vai continuar apitando sem problema. Então essa é uma das grandes dificuldades que nós temos também em aumentar esse número de árbitras. Já tivemos várias aí que iniciam, fazem o trabalho e chega um momento da vida delas, elas vão definir pra alguma coisa e acabam parando.

M.L. – Os outros papéis que elas precisam desempenhar, acabam a retirando do cenário da arbitragem.

P.F.: Exatamente. Então é diferente uma mulher não ter filhos e a mulher ter filhos. A partir do momento que ela tiver filhos, ela vai ter que cuidar do filho e não vai poder levar aquela criança, aquele filho pro ginásio. Já o homem, não. A mulher fica cuidando, fica em casa e ele vai trabalhar, então ele tem uma sequência maior, um tempo maior na arbitragem e a mulher, ela não. E muitas vezes elas param até que o filho fique um pouco maior e tal, que ela possa deixar com alguém. Algumas retornam ao trabalho, mas a maioria não volta. A maioria, realmente, ela pára e vai cuidar mais da casa, do que passar a fazer o trabalho de arbitragem.

M.L. – Paragua, em algumas literaturas disponíveis, em alguns trabalhos acadêmicos que eu já fiz a leitura, inclusive, eles falam muito sobre Inês dos Santos, que na época em que você pensou no quadro feminino, ela era Diretora do Departamento de Oficiais de Arbitragem Feminina da CBFS, na década de 2000 mais ou menos, e segundo as leituras, fala-se que ela foi uma das pessoas que junto com você, sugeriu a criação do quadro feminino de Oficiais de Arbitragem na instituição. O que você pode relatar a esse respeito?

P.F. – É, exatamente a, a Inês é uma pessoa *sensacional*, me dou muito, muito bem com ela e ela foi naquela competição em Brasília onde nós já estávamos iniciando esse trabalho. Eu até nem a conhecia. Ela foi nomeada como Diretora do Feminino. Ela foi nomeada, naquele ano, como Diretora do Feminino da Confederação. Eu até fui conhecer ela. Ela era de São Paulo e eu fui conhecê-la em Brasília. Não a conhecia. E a partir daí a gente começou a fazer o trabalho assim, juntos. Ela ajudou muito. Muitas das vezes ela, é... As meninas tinham um problema qualquer, ela trazia pra mim, ela vinha, ela conversava comigo, então ela me colocava a par de muita coisa que acontecia lá dentro dos vestiários, na vida particular de cada uma também né, e, na vida... Até no trabalho de dentro de quadra, muitas delas, às vezes, não queriam falar, pra mim, não tinham ainda aquela confiança no nosso trabalho, o que quê que a gente desejava, então passava pra ela, ela passava pra mim. Uma pessoa muito aberta e isso me ajudou muito também no trabalho. A Inês é uma pessoa que fez um excelente trabalho, também né, ao meu lado. Eu como Diretor de Árbitros do quadro nacional, tanto masculino como feminino, e ela na direção

das competições. Na realidade ela não tinha nada a ver com a arbitragem, mas ela estava sempre presente e ela muito me ajudou sim nessa evolução da arbitragem feminina.

M.L. – É como se ela fosse uma Delegada de Competição, Paragua?

P.F. – Não, até não. Ela era... Mais ela organizava a competição, entendeu? E no momento lá, ela sim, ela participava, né? Chamava sempre ela pra mesa lá, ajudava, conversava, trocava umas ideias, umas coisas que tinha que... Algumas coisas que a gente tinha que fazer na competição. Eu acompanhei muito de perto as primeiras competições femininas. Eu passei a ir a todas elas, até pra começar ajudar no trabalho e ela sempre participava das reuniões técnicas, tava sempre junto. Ela foi uma pessoa assim que também ajudou muito no crescimento da arbitragem, do feminino. E posteriormente sim. Aí ela também... A gente passou a conhecer mais o trabalho dela também e aí também, em algumas competições, ela viajou como representante, como delegada de competição.

M.L. – Ele ficava mais por trás, nos bastidores. A pessoa da logística?

P.F. – Ela ficava lá. Ela não fazia, ela não fazia escala. Escala ela não fazia. Não se envolvia com isso. Então, toda essa parte aí de escala, de reuniões técnicas, né, era eu que fazia e ela claro, que estava sempre acompanhando. Alguma coisa também que ela observasse, ela me falava e a gente falava nessas reuniões técnicas ou então alguma coisa mais particular, mais pessoal de cada uma e tal, ela conversava comigo; eu orientava como fazer. Muitas coisas é... Sempre era bom ela mesma levar o problema, alguma coisa pra que a gente pudesse fazer o trabalho. Posteriormente elas também foram pegando mais confiança em mim, no meu trabalho e aí a gente já conversava direto, de tudo, aí sem problema nenhum.

M.L. – Inês ainda está ligada ao futsal feminino ou afastou-se?

P.F. – Não, ela tá afastada. Ela depois que teve um, teve um problema lá com uma eleição lá e tal e aí ela se afastou. Ela ficou trabalhando um certo tempo depois em São Paulo, também como Diretora do feminino e posteriormente ela se afastou. Ela saiu, mas eu tenho sempre contato com ela. Sempre que eu vou a São Paulo, encontro com ela. A gente

sempre tá conversando. A amizade ficou. E eu reconheço muito o trabalho dela porque ela ajudou muito no crescimento do futsal, da arbitragem e do futsal feminino também. Ela era uma pessoa muito organizada. Ela participava de todas as competições. Ela ia. Ela trocava ideias. Ela ajudou muito ao futsal, ao crescimento do futsal feminino. Ela ajudava a organizar as competições também, fazendo contato com os clubes para que os clubes viessem pra competição. Então ela ajudou muito sim a Confederação, a mim. Foi excelente. Uma amizade assim, muito boa, que nós fizemos.

M.L. – Então hoje ela não tem mais militância nenhuma no futsal?

P.F. – Não, ela não tem mais, não tem mais. Mas ela sempre acompanha, sempre tá conversando aí com as nossas árbitras. Ela não se desligou do futsal, mas ela não faz parte assim de, de mais assim; junto com alguma federação, algum clube. Ela se afastou, mas podendo fazer uma reuniãozinha com todo pessoal, ela vai tá junto sempre [riso].

M.L. – Mas deixou um legado bastante interessante.

P.F. – Deixou um legado muito bom, né? Muito cooperou pro crescimento do futsal feminino. Ela teve junto conosco na criação também da Liga Feminina. Então ela tava presente. Era uma das pessoas que participou muito dessa parte aí.

M.L. – E a criação da Liga, foi também iniciativa sua?

P.F. – Não. A criação da Liga já foi mais, mais assim... Um trabalho feito por ela mesma junto a Diretoria da Confederação e que também tinha vontade de fazer uma Liga e juntamente com muitos clubes que se reuniram e pediram pra Confederação que fizesse a Liga e aí teve o apoio dela sim. Apoio nosso porque a gente queria que realmente saísse também uma competição boa, né, uma Liga Nacional Feminina.

M.L. – Essa Liga ainda existe hoje em dia?

P.F. – Ela ainda existe, mas tá assim, um pouco defasada até com uma quantidade de clubes que tinha lá nos primeiros anos que foi formada, né? E saiu muitas competições daí,

muito boas, mas ela ainda existe, mas em alguns anos, alguns anos aí, às vezes, ela não acontece. Até porque é... Agora foi criada também, até pra tentar melhorar um pouco, foi criada a Copa do Brasil Feminino. Isso também foi criada a masculina e a feminina. Então aí, a Liga ficou um pouco... O que às vezes pela distância dos estados, dos jogos que elas tinham que fazer, e a gente sabe que o patrocínio pra elas é muito mais difícil do que o patrocínio do masculino. Então existem algumas entidades ainda mais fortes que bancam o torneio e aí elas têm condições de fazer esses jogos.

M.L. – A última Liga aconteceu quando?

P.F. – Ah, eu não tô lembrado, não.

M.L. – Então tem bastante tempo...

P.F. – É, tem, tem. Eu não tô lembrado, mas realmente já faz um bom tempo que parou por falta de recurso. Quando a Confederação, ela tinha ainda... Talvez, eu acho que lá pra 2012.

M.L. – Tem bastante tempo.

P.F. – É, porque quando a Confederação tinha bastante recursos, que ela tinha os Correios... Banco do Brasil patrocinava. Então a Confederação ajudava muito, né, no transporte dessas delegações. Inclusive se passou a fazer em chaves depois; não jogos diretos, ida e volta. Se fazia por chaves. Um pouco diferente. Se reunia muitas vezes em uma cidade, fazia duas chaves. Fazia em duas cidades diferentes. Uma chave, uma cidade; outra, noutra. Depois fazia um quadrangular... Faziam as finais... Então posteriormente, depois que não teve mais o apoio financeiro e... Aí diminuiu e acabou parando.

M.L. – Paraguassu, eu fui... Na minha apresentação da qualificação, me perguntaram o porquê da escolha do Ceará como sede da Confederação Brasileira de Futsal. Há algum motivo específico? Se formos olhar no quadro da Confederação, existe muito mais árbitros na região Sul e Sudeste do que no Nordeste, mas a nossa sede é no Ceará.

P.F. – Veja bem. Quando o futsal, ele, na época da CBD⁴. Tinha CBD. Então o futsal não era filiado a FIFA. Ele era filiado à outra entidade Sul–Americana e no momento que foi criado realmente o futsal no Brasil, a CBD, ela não se interessou pelo futsal e aí então foi criada a Confederação Brasileira de Futsal pelo Dr. Aécio que era, na época, deputado e ele morava em Fortaleza. Então foi criada a Confederação e como ele morava lá e era Deputado Federal, ele levou pra lá a sede. Compraram a sede lá. E a partir daí ficou sendo lá, a sede da Confederação. Esse é o motivo de tá lá no Ceará. Além disso, naquela época também que começou, tinham muitas equipes boas no Ceará, no Nordeste, enfim... Então o crescimento do futsal foi bastante grande lá no Nordeste, na região do Ceará. Então esse é o motivo que até hoje a Confederação tá lá, né? E também, aí depois quando a FIFA assumiu também o futsal, aí a Confederação passou a fazer parte da FIFA através da CBF, porque a FIFA, ela não reconhece a CBFS e sim a CBF. Então nós passamos a fazer parte da FIFA e da mesma forma, a Confederação continuou lá em Fortaleza, até hoje.

M.L. – Então pra FIFA a CBFS não é reconhecida enquanto entidade?

P.F. – Exatamente. Ela reconhece só as Confederações dos países. Confederação Brasileira de Futebol, Confederação Argentina de Futebol, Confederação Uruguiaia e o futsal, ele tá junto com essa entidade, que é a entidade máxima do futebol dentro de cada país. Ele é um departamento das Confederações dentro de cada país. O único país que o futsal é separado da sua Confederação é o Brasil. Todos os demais países existe uma vice–presidência que trata do *beach soccer* e do futsal. Todos os países, exceto o Brasil, que são separados tanto o *beach soccer* como o futsal.

M.L. – Interessante. Essas informações não conseguem ser encontradas na literatura. Você procura bastante e não encontra nada.

P.F. – Não encontra.

M.L. – Na nossa conversa aqui, Paraguassu, tem algo que você queira falar, algo que a gente não perguntou, algo relevante que você acha que precisa ser registrado com relação a essa arbitragem feminina de futebol de salão no Brasil?

⁴ Confederação Brasileira de Desportos

P.F. – É. Eu acho que... Eu acho que nós fizemos... Você falou que não existe né, praticamente trabalhos que sejam feitos em função de arbitragem, em função do futsal. Tudo que a gente encontra é, são coisas do futebol e não de futsal, seja da regi... Da arbitragem, já é difícil também de encontrar, tanto no futebol como no futsal. Então realmente nós precisamos de mais trabalhos assim como esse trabalho, esse excelente trabalho que você tá fazendo. Nós precisamos deixar esses legados aí pra outras pessoas que venham... Muitas vezes procuram como iniciou o futsal, né, e a gente tem muita, muito pouca literatura sobre essa situação do início da arbitragem, do início da arbitragem feminina, né. Então isso a gente precisa muito aí. Eu acho que é bastante interessante esse trabalho que você tá fazendo aí e que bom que outras pessoas também seguissem o seu exemplo de falar sobre esse esporte que é tão, tão praticado em todo o Brasil. Acho que depois do futebol, ou talvez até mais do que o futebol, o futsal seja praticado. Em qualquer esquina, qualquer colégio, qualquer local você encontra uma quadra de futsal. Você encontra não seria quadra de futebol, é uma quadra de esporte, mas se você vai observar, praticamente noventa e cinco por cento se joga futsal. Não se joga basquete, não se joga vôlei, né. E campos de futebol, cada vez se torna mais difícil. Há muitos anos atrás se conseguia em qualquer local um campinho pra se jogar futebol. Hoje não se encontra mais. Quem tem algum espaço tá fechado e foi construído. Já não existe mais. Já tem construções naquele local e só vai ficando as quadras de futsal, né. Muitas equipes, mesmo de futebol de campo, praticam bastante o futsal, né, aonde dá habilidade aos atletas, jogadoras. Vimos aí várias atletas da seleção brasileira, o exemplo delas é a Marta, que também é nordestina, e que iniciaram esse trabalho dentro de uma quadra de futsal. Ali elas aprenderam a ter habilidade com a bola. Então eu creio que é um esporte realmente de massa, o nosso futsal. É preciso que a gente dê continuidade... Em qualquer competição que a gente vai, Jogos Escolares, sempre tem uma quantidade muito maior de equipes de futsal do que qualquer outro esporte. Mas infelizmente uma das coisas que eu gostaria muito de ver, era esse nosso esporte ser olímpico. Aí nós teríamos um apoio muito maior, tanto no esporte como também na parte da arbitragem. Com certeza nós teríamos arbitragem feminina, principalmente, que tá precisando muito.

M.L. – Até porque nosso esporte, ele já contempla os indicativos da FIFA pra que se torne olímpico, né?

P.F. – É. Exatamente.

M.L. – O que acontece hoje? É uma questão institucional?

P.F. – Alguns dizem que é uma parte política que tem. Que não se consegue colocar e outros já acham que... Dizem que pra que entre um esporte coletivo, tem que sair um esporte coletivo e aí a gente não vê que esporte poderia ser retirado pra entrar o futsal. Então aqueles que tão lá não vão querer sair. Não saem. Não vão tirar pra entrar o futsal. Então, na realidade, fica sempre nessa expectativa, fazendo um trabalho, tentando ver se um dia, quem sabe... Eu gostaria muito de ver esse esporte se tornar olímpico. Tivemos lá no passado, os Jogos é, o Campeonato Mundial Escolar que foi na Argentina. Os Jogos da Juventude que naturalmente são jogos que foram colocados lá no... Praticamente não Estudantil, mas sim, Jogos da Juventude; já um Campeonato Mundial de Futsal. Então, quem sabe se a gente logo, logo chega a esse momento aí que seria uma satisfação muito grande pra todos nós que lutamos tanto por esse esporte. Aí seria bom pra atletas, seria bom pra treinadores, comissão técnica e principalmente pra nossa arbitragem que é tão desprezada nesse contexto aí do esporte.

M.L. – Paraguassu, quero lhe agradecer profundamente por tuas informações. Dizer que são valiosíssimas para compor nosso trabalho e que é uma satisfação em tê-lo enquanto entrevistado. Você é uma pessoa que... Nós devemos muito a você, enquanto arbitragem feminina. Você fez um trabalho maravilhoso. Acreditou no potencial do quadro. Muito obrigada por suas informações e pode fazer as suas considerações finais.

P.F. – Eu te agradeço até, por ter me escolhido pra essa entrevista. Me coloco sempre a disposição de vocês. Você ou qualquer outra pessoa que precise de mais algumas informações que eu puder passar. Vou tá sempre a disposição de vocês. Então agradeço muito por ter sido uma pessoa escolhida pra fazer esse trabalho e você tenha certeza que eu vou tá sempre lutando em função da arbitragem, principalmente a feminina.

[FINAL DA ENTREVISTA]